

A dêixis na teoria da enunciação de Benveniste

Vera Lúcia Pires

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria - Brasil

Kelly Cristini G. Werner

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa - Brasil

Resumo

O categoria da dêixis é examinada a partir da teoria de Benveniste como fundamento da representação da subjetividade na linguagem.

Palavras-chave: enunciação - subjetividade - dêixis

Abstract

Deixis as a category is investigated in the light of Benveniste's theory as a principle for the representation of language subjectivity.

Key words: enunciation - subjectivity - deixis

Introdução

Este artigo pretende abordar, ainda que de forma sucinta, a importância da dêixis nos estudos enunciativos elaborados por É. Benveniste em alguns de seus textos fundamentais¹.

Considerando a linguagem como prática social que tem na língua (especialmente no aparelho pronominal) a sua realidade material, Benveniste reformula as dicotomias saussurianas e promove uma superação ao abrir a análise da linguagem para a enunciação, resgatando, com esse fato, o sujeito anteriormente excluído da lingüística, conforme já enfatizamos em texto anterior².

Entendemos que trabalhar com a noção de dêixis é fundamental para os estudos enunciativos da linguagem. A categoria contém elementos da língua, na sua modalidade oral ou escrita, que são, muito mais que outros signos, próprios do ato de dizer, no entendimento de que a sua existência e os seus sentidos são promovidos a partir de uma referência interna. Dito de outro modo, a referência ao contexto discursivo em que se apresentam. Além disso, os dêiticos só existem porque um indivíduo no mundo assume-os e o faz pela necessidade que tem de comunicar-se com outros membros de sua comunidade social. Ao tomar essas formas da língua, o sujeito dá-lhes vida, conquistando, simultaneamente, a possibilidade de interação com o outro e a sua realização enquanto sujeito desse mundo, uma vez que ele próprio testemunha sua existência ao proferir EU para um TU.

Por mais que acreditemos no que concluiu Benveniste (1970), em O aparelho formal da enunciação, que a enunciação está na língua inteira, pois toda ela é passível de ser enunciada, cremos ser a dêixis a forma mais representativa da enunciação. Talvez consigamos melhor defender essa idéia se nos lembrarmos de como surgiu sua conceituação.

Ela tem origem no gestual, na capacidade humana de dizer mostrando, indicando. Esse ato é realizado por um eu na tentativa de relacionar-se com o mundo, em um momento inédito e irrepetível, em um contexto também particular. Por isso, tratamos a dêixis como categoria de linguagem, de enunciação e uma reveladora das subjetividades envolvidas.

Para Lahud (1979) a noção não pertence exclusivamente, a nenhum campo de conhecimento específico: existem referências da dêixis em filosofia, na fenomenologia, na lógica e na semiótica, bem como na lingüística,

desde a Gramática de Port-Royal às teorias da enunciação. Especificamente, na área lingüística, a noção foi pensada como uma série de categorias com valor demonstrativo ou, dizendo de outra maneira, signos que se articulam para , em situação de discurso, demonstrar a linguagem enquanto atividade. Em situação comunicacional ou dialógica, a dêixis é aquele signo que representa ou aponta ou, ainda, indica aquele que fala. Ainda segundo esse autor, (p. 97), a verdade é que um novo palco onde a noção de dêixis desempenha um papel relevante – senão o principal - é constituído pela assim chamada “lingüística da enunciação”. Ou seja, ela é uma figura de enunciação, uma vez que, quando a linguagem é escrita ou falada ou ainda pensada, ocorre em um lugar, em um tempo com pessoas específicas.

Por tal motivo, pensamos ser de suma importância um estudo que contemple a dêixis na teoria da enunciação de Benveniste.

1 Terminologia

Como já foi adiantado na abertura deste estudo, à noção de dêixis remetem certos signos que se definem como marcas que mostram o sujeito no ato de produção do enunciado. Achamos conveniente, entretanto, recorrer ainda a algumas definições que nos oferecem os estudiosos do campo da linguagem a respeito da questão.

O termo dêixis é de origem grega e designa a ação de mostrar, indicar, assinalar. Mas, para os gregos, somente os demonstrativos faziam parte dessa categoria. Segundo Parret (1988), o conceito surge da noção de referência gestual, isto é, no fato de o locutor identificar o referente por meio de um gesto corporal.

No Dicionário das ciências da linguagem, na parte destinada ao verbete enunciação, Ducrot e Todorov (1982: 379) referem essa equivalência da dêixis à enunciação por parte da maioria dos lingüistas, ao atribuírem a denominação aos elementos da língua que variam conforme a situação de discurso em que são empregados. Assim, os autores, de forma idêntica, ao conceituarem enunciação,

priorizam os elementos que pertencem ao código da língua, mas cujo sentido, no entanto, depende de fatores que variam de uma enunciação para outra. Os exemplos são: eu, tu, aqui, agora, etc. Eles reconhecem em Jespersen, Jakobson e, principalmente, Benveniste os lingüistas que maiores contribuições trouxeram ao tema naquele momento.

No campo da semiótica, Peirce (1977) chamou os dêiticos de *indexicals* *symbols* os símbolos indiciais, ou indicadores.

Para Jespersen, citado por Jakobson (1957), dêiticos são shifters (termo originado do verbo inglês “shift” que significa mudar, trocar). Este termo foi traduzido para o francês por *embrayeurs*, terminologia usada por Jakobson, indicando precisamente aquela classe de palavras que varia conforme a situação em que tais palavras são empregadas.

Benveniste, em seus textos sobre a questão, segue a terminologia de Jakobson, empregando *embrayeurs*, e denomina os dêiticos por indicadores da subjetividade ou índices da enunciação ou do discurso.

Finalmente, entendemos ser importante citar Bertrand Russel e sua denominação *egocentric particulars* – particulares egocêntricos – pela lógica obviedade do termo.

2 Conceito de dêixis e sua constituição enquanto categoria de enunciação

Iniciaremos esta parte com a conceituação do termo no dicionário de Aurélio Buarque, cuja definição de dêixis é:

[Do gr. Dêixis, “modo de provar”, “demonstração”]. (...) Propriedade que têm alguns elementos lingüísticos, tais como pronomes pessoais e demonstrativos, de fazer referência ao contexto situacional ao próprio discurso (5), em vez de serem interpretados semanticamente por si sós; referência [A melhor forma para esse voc. é dîxis, mas a f. dêixis é a usual. V. anáfora (2), catáfora (2), endófora e exófora]. (1999: 617)

É notável que o conceito do dicionário³ classifica como dêiticos apenas pronomes pessoais e demonstrativos. Sabemos que, com os estudos enunciativos, principalmente os de Benveniste, a essa categoria integram-se outros elementos como advérbios, verbos, etc.

Tomando a perspectiva lexical do Dicionário de Lingüística e Gramática: referente à língua portuguesa de Câmara Junior (2002: 90), por exemplo, temos que

Dêixis- faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar. A designação dêitica, ou mostrativa, figura assim ao lado da designação simbólica ou conceptual em qualquer sistema lingüístico. Podemos dizer que o SIGNO lingüístico apresenta-se em dois tipos – o SÍMBOLO, em que um conjunto sônico representa ou simboliza, e o SINAL, em que o conjunto sônico indica ou mostra (...). O pronome é justamente o vocabulário que se refere aos seres por dêixis em vez de o fazer por simbolização como os nomes. Essa dêixis se baseia no esquema lingüístico das três pessoas gramaticais que norteia o discurso: a que fala, a que ouve e todos os mais situados fora do eixo falante-ouvinte.

Essa definição de dêixis contém um entendimento do signo lingüístico que está de acordo com Benveniste e outros lingüistas como Peirce e Jakobson.

Na verdade, acreditamos que o estudo, anteriormente referido, realizado por Roman Jakobson, em 1957, foi de grande valia para entendermos melhor o estudo pronominal desenvolvido por Benveniste posteriormente. Em Jakobson, não há um estudo específico sobre os pronomes, mas há um texto sobre os articuladores ou shifters, intitulado Os articuladores, as categorias verbais e o verbo russo (1957), em que o autor estuda a categoria de pessoa. A partir daí, podemos entender sua idéia do pronome.

Em seus trabalhos sobre as funções da linguagem - que integram a sua teoria da comunicação - os articuladores e as afasias, Jakobson perpassa uma visão de língua, fala, linguagem diferenciada da saussuriana e da corrente estruturalista, ainda que sendo um estruturalista. Tal fator refletirá nas colocações do autor sobre

a personalidade, os articuladores e os pronomes, suposições que se acercam às de Benveniste (Cf. Flores 2001: 18).

Jakobson pode ser considerado um dos primeiros lingüistas a pensar sobre as questões da enunciação porque sua teoria das funções da linguagem e seu trabalho sobre os shifters são algumas das primeiras sistematizações que se tem em lingüística sobre o lugar do sujeito na linguagem.

Assim, aspectos de uma nova postura de análise lingüística, filha do estruturalismo, surgem nos trabalhos de Jakobson – ligados à enunciação - e que são igualmente estudados por Benveniste.

No texto já referido anteriormente, Jakobson faz um estudo propriamente enunciativo da linguagem e isso justifica aproximá-lo de Benveniste neste ponto do trabalho aqui desenvolvido. Em *Os articuladores*, as categorias verbais e o verbo russo, há duas partes, sendo que a primeira trata dos quatro tipos de relações existentes entre o código e a mensagem ; a segunda parte classifica as categorias verbais a partir de certas distinções. Aqui, interessa a primeira parte, mais especificamente, o trecho em que Jakobson trata dos pronomes, chegando a uma noção mais ampla – a dêixis.

Jakobson (1957) propunha, então, que a mensagem e o código podem servir como suportes para a comunicação, funcionando de maneira “desdobrada” ou como objetos de referência ou como objetos de utilização. Pode configurar-se, segundo o autor, de 4 formas: a mensagem pode remeter ao código (M/C) é o caso da sinonímia e da tradução; a mensagem pode remeter a outra mensagem (M/M), caso do discurso citado; código pode remeter ao código (C/C), como nos nomes próprios e, por último, o código pode remeter à mensagem (C/M), é o caso dos articuladores (e também dos pronomes). Às duas primeiras situações, Jakobson chama circularidade e as segundas, encobrimento parcial. Dessa constatação, nascem as estruturas duplas, que são polissêmicas. O que interessa para entender a questão dos pronomes é o que Jakobson denomina “encobrimento parcial” em que o código possui uma classe de unidades gramaticais - os “articuladores” - que só ganham sentido se estiverem inseridos em um contexto, referidos à mensagem.

Essa visão também é defendida por Benveniste. Para justificar essa proposição, Jakobson recorre à noção tridimensional do signo lingüístico de Peirce. Para esse autor, os signos podem ser enquadrados como símbolos, índice (índices) ou como ícones.

Peirce (1977) entende que o índice designa uma relação causal entre um fato lingüístico e o objeto significado. Ou seja, a relação estabelecida é de contigüidade com a realidade exterior. Fornece, como o próprio nome sugere, uma indicação, permitindo o raciocínio inferencial. O exemplo clássico dado é o da fumaça. “Se há fumaça, há fogo”. Aqui podemos notar bem a relação causa-efeito, bem como a questão da indicação e da inferência que é preciso fazer para entender. Na lingüística, tudo o que depende da dêixis é um índice. O símbolo é visto por Peirce como aquele que procede de uma convenção, ou seja, refere-se a alguma coisa, mas perante força de uma lei. Assim, opera por contigüidade que já foi instituída e apreendida entre o significante e o significado. É por uma regra já aceita que a “balança” representa ou simboliza a justiça. Os ícones são aqueles que operam pela relação de semelhança entre significante e significado, ou seja, a representação e o que é de fato representado. Assim, o ícone seria aquele que reproduz fazendo uma transferência. O exemplo nítido disso seria uma foto. Há autores, e um deles é Roman Jakobson, como podemos notar, que acredita que o signo lingüístico é constituído pelo símbolo e pelo índice (sinal), ou seja, ele pode mostrar e representar. Como exemplo, sugere os pronomes que mostram em vez de representar como fazem os nomes.

Segundo Jakobson (1957), os articuladores combinam as funções de índice e de símbolo porque podem ser associados a algo e apontar para outra coisa, e isso é que define seu caráter polissêmico. O pronome pessoal “eu” é citado como um evidente exemplo disso. O “eu” designa quem o enuncia e também pode apontar, de acordo com um tratado convencional, para outras formas, em outros códigos, como “Yo, Ich, Io, I”. Funcionando assim, Jakobson (ibid.) afirma que “eu” é um símbolo”, ou seja, ele representa, simboliza e conceitua a primeira pessoa. Mas, fora disso, “o signo ”eu” não pode representar o seu sujeito se não estiver em uma relação existencial com esse objeto: a palavra “eu”, que designa o enunciador, está em uma relação existencial com a enunciação funcionando, portanto, como um índice, ou seja, é um sinal que mostra, indica quem enuncia.

Resumindo, podemos pensar que, na mensagem, os pronomes (como *eu*) funcionam como índice, por meio de um processo metonímico, e, no código, como símbolo, através de um processo metafórico. É por tal processo que, no código (langue), os pronomes podem funcionar como símbolos. Ou seja, podem ser associados à outra forma em outros códigos e também porque o nome (locutor) pode ser designado pelo nome de um objeto semelhante (o pronome). Pelos fatores substituição e associação que existem nesse processo, consideramos sinônimo da denominação paradigmática dada por Saussure. Os pronomes podem funcionar como índices pelo processo metonímico, na mensagem (parole). Isso quer dizer que um objeto (nome) é designado pelo nome de um objeto semelhante que está associado na experiência, no uso. Assim, só tem razão de ser e funcionar como tal no contexto utilizado, e essa é uma característica do processo metonímico. Quer dizer, sempre há entre o objeto designado e aquele que designa uma relação de dependência. Na continuação, podemos designar o processo metonímico como sinônimo de sintagmático (Saussure).

É necessário, igualmente, ter a clareza de que a significação dos pronomes é determinada conforme a ocasião em que surgem, para que direção apontam e a quem se referem em um texto. Na verdade, os pronomes pessoais, assim como os dêiticos, a partir desse estudo, mostram-se como estruturas complexas, que funcionam de forma polissêmica, isto é, têm duplo sentido ou dupla função. Eles são símbolos-índices, em que código e mensagem se entrelaçam. Benveniste (1956), em seu estudo sobre os pronomes, considera essas afirmações de Jakobson.

A posição de Jakobson sobre os articuladores (entre eles os pronomes também) demonstra que é considerado o código, mas também a mensagem e, com isso, o sujeito, o contexto e o sentido, postura divergente da saussuriana e do estruturalismo. Isso o aproxima das idéias organizadas na teoria da enunciação de Benveniste. Inclusive, a corrente enunciativa propõe como seu objeto de estudo o ato de produção do enunciado e não o enunciado pronto (produto), conforme já mencionamos neste estudo, mostrando uma mudança de ordem, em que aqueles elementos, abandonados por Saussure, agora tornam-se fundamentais. Apesar de haver uma mudança de objeto na enunciação, não há, contudo, desprezo pela língua enquanto sistema.

Para Jakobson (1957), os articuladores, os pronomes pessoais, por exemplo, têm significação; “Assim, “eu” designa o destinador (e “tu” o destinatário) da mensagem à qual pertence”. Isso mostra que o autor não vê os pronomes apenas como substitutos dos nomes ou indicadores das pessoas do discurso, mas como signos que têm sentido particular, ampliando a visão trazida pelas gramáticas normativas e dicionários de língua. Já mencionamos que Benveniste compartilha (no sentido de aproximar-se, uma vez que não o cita ou menciona) com Jakobson essa caracterização dos pronomes, postura que também se encontra em dicionários de lingüística, conforme observamos no Dicionário de Lingüística e Gramática referente à língua portuguesa de Câmara Junior, ou no dicionário de Ducrot e Todorov.

Até aqui, vimos algumas idéias e conceituações acerca da problemática da dêixis e de sua constituição enquanto categoria ligada à enunciação em alguns teóricos da linguagem. Na próxima parte, especificaremos o estudo dessa questão sob a ótica de Émile Benveniste.

3 A dêixis como indicadores de subjetividade na teoria da enunciação de Benveniste

Benveniste, na sua teoria da enunciação, faz um estudo dos pronomes, de forma detalhada, que pode ser encontrado em: *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956), também em *Da subjetividade na linguagem* (1958) e *A linguagem e a experiência humana* (1965) entre outros. Benveniste mostra como essa categoria é a primeira a instaurar e representar a subjetividade na linguagem.

Os *indicadores de subjetividade*, como aponta Lahud (1979) ao referir-se ao uso do termo dêixis por Benveniste, estão completamente ligados ao processo da enunciação. A teoria dos pronomes, mais exatamente a categoria de pessoa, é sua pedra de toque.

No artigo de 1946, *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, o autor já teoriza sobre a questão, repensando o problema dos pronomes em relação de oposições, como uma heterogeneidade entre o par eu/tu e o pronome ele. A estrutura das

relações de pessoa apresenta-se como correlação entre eu-tu, enquanto pessoa, opondo-se a “ele”, que não apresenta o traço de pessoalidade, ou como Benveniste nomeou a *correlação de personalidade*.

Ao mesmo tempo, estabelece-se outra relação – a *correlação de subjetividade* – que opõe “eu” a “tu”, ou seja, o eu instaura um tu na realidade do diálogo. Esse tu, exterior, somente pode ser pensado a partir do próprio eu. Essa correlação de subjetividade trouxe para a lingüística os novos elementos de uma semântica da enunciação. Benveniste postula subjetividade e realidade ao mesmo tempo, e o elo de ligação é a dêixis.

Em *A natureza dos pronomes* (1956), Benveniste atenta, primeiramente, ao fato de que essa classe de palavras não deve ser mais considerada, como habitualmente, uma *classe unitária* ao se referir à forma e à função. Ele pergunta a qual realidade eu e tu se referem. Sua resposta é categórica: *unicamente uma realidade de discurso, que é coisa muito singular*. (pg. 278). Assim, ocorre uma dupla instância: de “eu” como referente e como referido, na instância de discurso.

E é nesse ponto que as proposições de Benveniste fazem recordar Jakobson, ao diferenciar o aspecto formal dos pronomes, pertencente à parte sintática da língua, do funcional, considerado característico da instância do discurso, ou seja, da enunciação. Ou seja, os pronomes se configuram em uma classe da língua que opera no formal, sintático, e no funcional, pragmático. Sendo assim, os pronomes devem ser entendidos também como fatos de linguagem, pertencentes à mensagem (fala), às categorias do discurso e não apenas como pertencentes ao código (língua), às categorias da língua, como considerava Saussure. Com isso, Benveniste amplia o enfoque estruturalista e caminha na mesma direção que Jakobson. Essa visão dos pronomes, também como categoria de linguagem, é dada pela posição que nela ocupam.

Assim, conforme Benveniste (*idem*), os indicadores são as formas como o eu vincula-se ao discurso:

poremos em evidência a sua relação com o eu definindo-os: aqui e agora delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém eu. Essa série não se limita a aqui e agora: é acrescida de grande número de termos simples ou complexos que procedem da mesma relação: hoje, ontem, amanhã, em três dias, etc. (Benveniste, 1995: 279).

Eis aí a vinculação da dêixis ao sujeito que fala, ou como quis Benveniste, um indicador da subjetividade no discurso, em que as formas pronominais remetem à enunciação.

Vários autores, como veremos a seguir, perseguem esse tema em seus textos. Vejamos alguns deles e suas idéias.

Para Cervoni (1989), em Benveniste, os dêiticos “refletem” a existência dos signos que constituem a enunciação, que são o locutor/alocutário, o lugar e o tempo do uso da enunciação, sendo os mais representativos o eu-tu-aqui-agora.

Kerbrat-Orecchioni (1980), ao estudar a questão da referência dêitica, aponta para três tipos: a referência absoluta, a relativa ao contexto lingüístico e a relativa ao contexto comunicacional, ou seja, a referência dêitica, que interessa particularmente à perspectiva enunciativa. Para a autora, este tipo de referência considera os elementos internos e externos do discurso, do mesmo modo como defende Benveniste. Kerbrat-Orecchioni (idem: 48) define os dêiticos e ainda alerta para o que deve ser considerado na comunicação:

(...) los déicticos son las unidades lingüísticas cuyo funcionamiento semántico-referencial (...) implica tomar en consideración algunos de los elementos constitutivos de la situación de comunicación, saber:

- el papel que desempeñan los actantes del enunciado en el proceso de la enunciaci3n.
- la situaci3n espacio-temporal del locutor y, eventualmente, del alocutario⁴.

Como podemos perceber há três integrantes da dêixis - pessoa, espaço e tempo - que Parret (1988) denomina “triângulo dêitico”. Neste triângulo, os

pronomes pessoais têm papel privilegiado sobre os outros elementos, uma vez que funcionam como âncora para o sujeito inscrever-se na linguagem. Em torno da pessoa, organizam-se os outros indicadores da dêixis e essa idéia provém de Benveniste (1956). Na tese benvenistiana, a pessoa enuncia num determinado espaço e tempo, o que enfatiza a dependência das categorias espacial e temporal à categoria de pessoa ou como as denomina Cifuentes Horubia (1989) “dimensiones deícticas- local, temporal y personal”. Segundo Fiorin (1996: 42), assim acontece porque a enunciação é o lugar de instauração do sujeito e este é o ponto de referência das relações espaço-temporais, ela é o lugar do ego, hic et nunc. A dêixis, como já citado, também denominada na obra de Benveniste, por “indicadores de subjetividade”, contém a categoria de pessoa o que dá a ela a característica de ser única, particular e pertencente ao discurso e não a uma realidade determinada. Benveniste define então os dêiticos como signos vazios que só ganham plenitude e significação no ato de enunciação, quando assumidos pelos indivíduos; sendo, portanto, de natureza diferente da de outros signos lingüísticos que são plenos, os nomes, por exemplo. Ou seja, o contexto dêitico é sui-referencial. É o que reafirma Parret (1988: 146) o contexto dêitico não é exterior (ontológico) mas subjetivo.

Em *Da subjetividade na linguagem* (1958), a dêixis volta a ser referida para designar o par eu/tu como marcas da pessoa na enunciação, bem como para indicar o par sujeito/subjetividade no ato discursivo. É na instância de discurso na qual **eu** designa o locutor que este se enuncia como **sujeito**. É portanto verdade, ao pé da letra, que o funcionamento da subjetividade está no exercício da língua. (Benveniste, 1989: 288).

Benveniste descreve, finalmente, o que chama de indicadores de subjetividade ao definir o aparelho formal da enunciação, em texto homônimo no ano de 1970. A partir das formas de interrogação, intimação e asserção, ele inclui outros tipos de modalidades pertencentes à dêixis, como os modos (optativo, subjetivo) que enunciam atitudes do enunciador do ângulo daquilo que enuncia (expectativa, desejo, apreensão... e ainda outros mais, relativos à fraseologia, como talvez, provavelmente, etc. (Benveniste, 1989: 87).

Como vimos, o que estava em construção, para Benveniste, era o estatuto da subjetividade na linguagem, lugar em que a dêixis oferecia um conjunto de categorias visando a estabelecer algo mais profundo que a circunscrição de um “eu” na enunciação.

5 Considerações finais

Notamos que, nos estudos de Benveniste, houve um detalhamento e uma ampliação da problemática da dêixis. Se em Jakobson (1957) existia uma referência ao pronome pessoal, fato que abria os estudos para a categoria de pessoa, em Benveniste apareceram os três grupos de elementos dêíticos - as formas pronominais, verbais e temporais - que formaram as categorias de pessoa, de espaço e de tempo, respectivamente. Além disso, o autor aprofundou as características de cada uma.

Segundo Barthes (1988: 182),

(...) Benveniste amplia consideravelmente a noção de shifter, lançada com brilho por Jakobson; ele funda uma lingüística nova, que não existe em nenhum outro autor (e muito menos em Chomsky): a lingüística da interlocução; a linguagem, e, portanto, o mundo inteiro, articula-se sobre essa forma eu-tu.

Ou seja, a referência dêítica é sui-referencial. O contexto dêítico não é exterior (ontológico) mas subjetivo. (1988:146).

Com isso, percebemos que o fenômeno dêítico mostra quem fala e com quem fala (locutor-alocutário), a situação da enunciação, tempo e espaço desses falantes. Para Benveniste, os elementos da dêixis são principalmente os pronomes pessoais e, após, os pronomes demonstrativos, os advérbios e ainda o verbo, que é a classe de palavras mais “solidária” aos pronomes. A dêixis comporta, portanto, a categoria de pessoa, de espaço e de tempo.

A noção de dêixis é importante e expressa o sujeito na linguagem. Foi

falando de sujeito e subjetividade que Émile Benveniste foi considerado a exceção francesa⁵. Ele é referenciado como o autor que inicia, em lingüística, a pesquisa na teoria da enunciação, incluindo o sujeito na linguagem. A partir dele, fala-se na criação de uma teoria do sujeito, e do sujeito da enunciação, conquanto essa expressão não apareça em seus textos. Entretanto, o estatuto, as fronteiras teóricas e a maioria dos elementos necessários para a formalização da noção de sujeito em lingüística pode ser encontrada nos textos de *Problemas de Lingüística Geral*. Foi pensando no homem na língua que vimos aparecer, em Benveniste, um sujeito subjetivado na e pela linguagem, deixando suas marcas no que nos é mais cotidiano, ou seja, no diálogo.

Notas

¹ Em especial, *A natureza dos pronomes* (1956), *Da subjetividade na linguagem* (1958), *A forma e o sentido na linguagem* (1967) e *O aparelho formal da enunciação* (1970).

² *Sujeito e sentido em Bakhtin e Benveniste: os pontos de contato*. (2004).

³ Talvez o que o dicionário traz como definição de “exófora” melhor se relacione ao que entendemos por dêixis:

(...) S. f. E. ling. O conjunto das classes de elementos que fazem referência a pessoa, lugar e tempo, tais como pronomes pessoais, advérbios de lugar e de tempo. [Formas como eu, esse, ali, agora são decodificados à medida que se sabe quem é falante, onde se situa espacialmente e quando proferiu o enunciado. (...)] (1999: 860)

⁴ “(...) os dêiticos são as unidades lingüísticas cujo funcionamento semântico-referencial (...) implica tomar em consideração alguns dos elementos constitutivos da situação de comunicação, a saber:

- o papel que desempenham os falantes do enunciado no processo da enunciação.

- a situação espaço-temporal do locutor e, eventualmente, do alocutário.”

(Tradução de Kelly Cristine Granzotto Werner).

⁵ Ver Dosse, F. *História do estruturalismo I: o campo do signo*. 1993

Referências Bibliográficas

- BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.372.
- BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: *Problemas de Lingüística Geral I*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991. cap. 18. p. 247-259.
- _____. A natureza dos pronomes. In: *Problemas de Lingüística Geral I*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991. cap. 20. p. 277-285.
- _____. Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de Lingüística Geral I*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991. cap. 21. p. 284-293.
- _____. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Lingüística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989. cap. 5. p. 81-92.
- CÂMARA JUNIOR, J. M. *Dicionário de Lingüística e Gramática: referente á língua portuguesa*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CERVONI, J. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.
- CIFUENTES HONRUBIA, J. L. *Lengua y espacio*. Introducción al problema de la déixis en español. Universidad de Alicante. Edição eletrônica: Espagrafic, 1989.
- DOSSE, F. *História do estruturalismo: o campo do signo, 1945/1966*. São Paulo: Ensaio, 1993.
- DUCROT, O; TODOROV, T. *Dicionário das ciências da linguagem*. 6. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.
- FIORIN, J.L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- FLORES, V.N. Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação: Uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, v. 36, nº 4. dez. 2001, p. 7-65.
- JAKOBSON, R. *Os articuladores, as categorias verbais e o verbo russo*. 1957. (Versão mimeografada).
- LAHUD, M. *A propósito da noção de déixis*. São Paulo: Ática, 1979.

KOELLING, S. B. Os dêiticos e a enunciação. In: *Revista virtual de estudos da linguagem* – REVEL. Ano 1, n. 1. Disponível em: <www.revelhp.cjb.net.>. Acesso em: set. 2002.

KERBRAT ORECCHIONI, C. *La enunciación de la subjetividad en el lenguaje*. Buenos Aires: Librería Hachette S. A., (s.d.).

PARRET, H. *Enunciação e pragmática*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

PIRES, V. L. Sujeito e sentido em Bakhtin e Benveniste: os pontos de contato. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, v. 39, n° 4, dez. 2004, p. 231-237.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.